

O futuro da resistência e a resistência do futuro

Facundo Guerra Rivero*

Resumo

Nos dispositivos das sociedade conceituadas por Foucault e Deleuze (sociedade do soberano, sociedade disciplinar e sociedade de controle) o binômio poder-resistência sempre operou de maneira entrelaçada. Este artigo investiga se em um futuro próximo o binômio poder-resistência será ultrapassado, uma vez que segundos os desdobramentos atuais de tecnologias controladas pelo aparelho de Estado é possível prever a possibilidade, em um campo temporal próximo, de uma emergência das resistências. O plano de captura destas resistências pelo poder passará então do campo da ação para o campo da intenção, o que comprometerá a existência própria destas resistências, se elas operarem através do diagrama da sociedade de controle, a Internet.

Palavras-chave: resistências; sociedade de controle; aparelho de Estado; máquinas de guerra; futuro.

Abstract

In the types of society conceptualized by Foucault and Deleuze (society of sovereign, disciplinary society and control society) the pair power-resistance always operated interwoven. This article investigates whether in a near future the pair power-resistance will be overpassed, as of the ramifications in technology nowadays controlled by the State provide the possibility to anticipate their signs of emergence. The field of capture of this resistances will no longer be the action, but the intention, which put them in risk if they continue to operate within the borders of control's society diagram, Internet.

Keywords: resistance; control society; Estate; war machines; future.

(*) Engenheiro de alimentos pela Escola de Engenharia Mauá, jornalista político pelo programa de especialização Lato Sensu da PUCSP (COGEAE), mestre e doutorando no programa de Ciências Sociais da PUC-SP. E-mail: facundo@facundoguerra.com.br

Na genealogia das resistências pode-se apontar os momentos em que as mesmas formaram pares indissociáveis nas relações de poder ao longo da História. Dessa maneira, cada uma das organizações de sociedade na analítica de Foucault, como a sociedade do soberano e a sociedade disciplinar, e mais tarde a sociedade de controle cartografadas por Deleuze e Foucault e suas decorrentes resistências operam em um mesmo tempo e muitas vezes dentro do mesmo campo espacial. Não existe uma obsolescência dos dispositivos das sociedades mencionadas, tampouco uma ultrapassagem de uma pela outra: existe, sim, uma convivência muitas vezes harmônica e de reforço no interior de seus próprios campos. Assim, tanto o regicídio (ou o ataque direto a uma autoridade) quanto o *sabot* e o ataque eletrônico são maneiras de resistências que se encontram no presente.

De volta ao agora, impossível descartar a ideia de que qualquer organização atual de sociedade escape do laço das máquinas abstratas, do *hardware* e do *software*: a Internet é prioridade em qualquer plataforma política dos aparelhos de Estado, a “inclusão” digital e participação compulsiva são ordens do dia e os governos forçam cada vez mais a criação de “divíduos”, como previu Deleuze, o antes indivíduo agora partido em fragmentos, fracionado em inúmeros bancos de dados, todos vasos comunicantes e de informações intercambiáveis, capazes de extrair de uma pessoa conectada até o mínimo fragmento de informação sobre sua existência.

Um antes indivíduo, um e inteiro, agora se encontra partido e fatiado em inúmeras camadas interessantes ao poder, todas elas de potencial produtivo. O antes uno é agora estilhaçado e modulado de acordo com os interesses dos dispositivos de controle. O que interessa nesse fracionamento não é só a entrada destas fatias enquanto instâncias controláveis por parte do aparelho de Estado. Mais além de um incremento de eficiência por parte deste, busca-se não mais distribuir este divíduo em múltiplas camadas, mas distribuir suas vontades e desejos em bancos de dados que interessam ao capital. Não tanto o que esse divíduo é, mas o que ele pode consumir, o que pode desejar. Não importa mais quais características que podem defini-lo, mas apenas seu potencial de produção intelectual e endividamento, sua fração computável pelo controle e modulada como consumidor pelo capital. E todo este fluxo informacional e esta distribuição em inúmeros bancos de dados só são possíveis graças ao diagrama que encapsula a sociedade de controle, a Internet.

Mesmo a Internet não está simplesmente “aberta” a todas as possibilidades de futuro ou “fechada” a elas, mas em algum lugar entre uma e outra opção, modulada por relações de poder, máquinas abstratas, diagramas e estilos de gerenciamento, com resistências intrínsecas a cada uma de suas composições: se o poder hoje opera através, mas não tão somente, da Internet, necessariamente as resistências por ali também operarão. É certo então que agora, nesse momento, em algum lugar, a multidão usa a infovia para deixar fluir seus devires-revolucionários, seus desagradados, suas atitudes contra o constituído. Não se trata de pensar mais, portanto, que tipo de resistência pode tomar forma de revolução, que certamente ainda é possível, mas apenas em oposição a um outro tipo de sociedade que não a de controle, mas questionar que tipo de revolução é ainda possível quando pensamos nos dispositivos da sociedade de controle.

Tampouco se trata de assuntar sobre o futuro da revolução. Esta não tem qualquer “futuro”, por se tratar de um espasmo de um tipo de resistência associada à sociedade disciplinar que coexiste com a sociedade de controle, muitas vezes operando em conjunto com esta, como demonstrado nos recentes levantes árabes. Ademais, devemos levar em conta a utilidade de especulações sobre as maneiras através das quais as revoluções, ou mesmo resistências do futuro, operarão.

Segundo Deleuze,

[...] ao invés de apostar sobre a eterna impossibilidade da revolução e sobre o retorno fascista de uma máquina de guerra em geral, por que não pensar que um novo tipo de revolução está se tornando possível, que todo tipo de máquinas mutantes, viventes, fazem guerras, se conjugam e traçam um plano de consistência que mina o plano de organização do Mundo e dos Estados? Pois, mais uma vez, nem o mundo e seus Estados são mestres de seu plano, nem os revolucionários estão condenados à deformação do seu plano. Tudo acontece em partes incertas, ‘frente a frente, de costas, ...’. A questão do futuro da revolução é uma questão ruim, porque, enquanto for colocada, há pessoas que não se tornam revolucionárias, e porque é feita, precisamente, para impedir a questão do devir-revolucionário das pessoas, em todo nível, em cada lugar. (Deleuze e Parnet, 1998)

Pensar sobre a “revolução de amanhã” não importa, portanto, porque tais conjecturas levam a pensar o mesmo de maneiras diferentes. Deve-se pensar o presente, sempre. A questão, portanto, nunca será

a resistência do futuro, mas o futuro da resistência. Até que ponto o binômio indissociável poder-resistência é válido? Qual o seu limite, se existe mesmo um limite? Esse duplo pode deixar de funcionar, a partir do momento em que o controle que opera através do diagrama se torne tão efetivo que o laço seja inescapável, uma vez que ele seja operado dentro do diagrama da sociedade de controle, a Internet?

Talvez espasmos de resistência tenham futuro, mas até que ponto ela será apenas uma caricatura, da mesma forma como a participação imperativa nos ilude de que alguma maneira façamos as regras do jogo e que o poder também opere a partir de nós e por nós? Será que as expressões de resistência que temos como exemplos noticiados pela mídia não fazem parte de um *show* proporcionado pelo aparelho de Estado dentro da configuração de sociedade do espetáculo?

Se o presente da resistência opera através do diagrama, da Internet, sob a forma de *hacktivismo*, entre outras tantas outras, em um futuro próximo ela ainda será viável se utilizar o fluxo que foi pavimentado pelo mesmo poder a que este se opõe? Existe limite para esta resistência que acontece hoje na sociedade de controle? Para responder esta pergunta, é necessário analisar como o poder está fechando o laço no presente.

Tanto o aparelho de Estado quanto as máquinas de guerra¹ de configuração mutante estão usando o presente para predizer o futuro. Não se trata de futurismo: tanto a CIA (Agência Central de Inteligência do governo dos Estados Unidos) quanto a Google (uma das maiores corporações do mundo, especializada em buscas no interior do diagrama, computação descentralizada e tecnologias de publicidade, também baseada nos Estados Unidos) estão investindo em tecnologias que monitoram a Internet em tempo real, na sua miríade de bancos de dados e fracionamentos, e dessas informações extraem tendências que poderão se confirmar, com uma expectativa de erro baixo, em um futuro concreto.

A companhia que recebeu investimentos pesados destes dois braços do controle se chama Recorded Future (em tradução livre, Futuro Gravado) e cria uma busca interrelacional com milhões de *sites*, *blogs* e redes sociais para delas extrair relações não-causais – que poderiam passar

1 A máquina de guerra é um agenciamento que se constrói sobre linhas de fuga e é exterior ao aparelho de Estado. Pode ser artística muito mais do que guerreira. Quando a máquina de guerra está próxima ao que Deleuze chama de máquina abstrata, ela utiliza as linhas de fuga para escapar do aparelho de estado. A escrita e a música podem ser máquinas de guerra. Não se pode dizer que as máquinas de guerras sejam forçosamente criadoras. Podem ser de destruição e de morte, como quando são apropriadas pelo aparelho de Estado. Cf. Deleuze, 1997

despercebidas fora do seu algoritmo – entre pessoas, organizações, ações, incidentes e eventos, no presente e no futuro imediato. Suas análises de caráter temporal vão além da busca e se voltam para as relações entre documentos que citam determinados eventos ou entidades, processando tais informações e projetando desta forma uma possibilidade de futuro, com taxa de erro proporcional à distância temporal das relações. Quanto mais distante das causas, tanto mais os efeitos se tornam menos prováveis. A ideia, basicamente, é analisar um determinado incidente ou evento por quem estava envolvido nele, onde o mesmo ocorreu e quando o mesmo cessou e depois projetar uma curva que capture o *momentum* deste dado evento e a probabilidade do mesmo se repetir.

Não é a primeira vez que uma agência de espionagem estadunidense se interessa em informações públicas, escondidas entre as infindáveis interações e informações soterradas pela avalanche de artigos de jornal, *shows* televisivos, *posts* de *blogs*, vídeos *online*, relatórios de rádios e interações de usuários de Internet em redes sociais: segundo um artigo da revista *Wired*, o diretor da CIA, Michale Hayden, declarou que “informações secretas nem sempre compõe o núcleo de nossas análises”. Relações causais entre informações que são encontradas publicamente normalmente reforçam ou são determinantes para a análise de um futuro imediato.

No modelo de sociedade disciplinar, cujo diagrama é o panóptico, procurava-se minimizar as forças políticas do corpo através da maximização de sua capacidade produtiva. Na sociedade de controle, o mesmo artifício é conseguido através do imperativo da participação constante, desde que esta participação de nenhuma maneira coloque em risco a maneira como as relações de poder estão configuradas: o cidadão fracionado responde a este chamado dando sua opinião sobre assuntos inócuos que o fazem construir para si uma imagem de cidadão do mundo, com capacidade de expressão, sempre solicitado, sempre pronto a emitir uma opinião em um questionário de múltipla escolha, legitimando desta maneira o poder que o aciona e tendo por consequência uma fantasmagoria de liberdade.

Esse chamado constante à participação acaba por deformar o que no modelo de sociedade anterior se entendia por privacidade, cuja noção desmorona diante do imperativo da participação. Todos explanam em detalhes fisiológicos as minúcias de seu cotidiano em redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, como se diante do próprio confessor, e são exatamente estas peças de informação cuja composição é formada pelas

mais íntimas dobras dos “divíduos” na infovia que são processadas pelos algoritmos do programa criado pela “Recorded Future” e, em análises outras, que determinam o futuro vindouro.

Pois essas expressões dos divíduos, como dito anteriormente, é que compõe objeto de interesse de programas que tentam predizer o futuro, e a Recorded Future não é a única empresa que recebeu aportes de investimentos diretos do governo dos Estados Unidos: outra empresa, Visible Technologies, criou um algoritmo capaz de escandir mais de um milhão de *sites* por dia simultaneamente e é capaz de registrar centenas de milhões de conversações que ocorrem em redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, além de *sites* como *Amazon*, *YouTube* e outros abertos a interação entre usuários. O programa não só coleta essas informações como as estruturam na forma gramatical culta, “traduzindo” os textos desestruturados destes usuários de maneira que estes sejam facilmente digeríveis pelos militares.

As análises da Recorded Future operam da seguinte forma: a empresa extrai da Internet as páginas da *web* que contém onde e quando os eventos que são de interesse de seus clientes ocorreram. Essas páginas são filtradas através de uma análise espaço-temporal e segundo o tom dos documentos, análise chamada de “sentimental”. Após ambas análises, são aplicados algoritmos construídos a partir dos preceitos de inteligência artificial para criar relações entre os atores que compõe o evento, que posteriormente são comparados, a título de busca por uma similitude ou padrão de comportamento, em um banco de dados que armazena mais de cem milhões de eventos, das mais variadas ordens e graus de importância.

A análise final, no entanto, usa o que se costuma chamar de *web* viva: a série de eventos postados em tempo real diariamente na Internet, de forma que o algoritmo trabalhe com as informações mais imediatas possíveis, permitindo assim que a empresa venda dossiês sobre pessoas em tempo real. Quanto mais tempo o efeito se distancia da causa, tanto mais as análises da Recorded Future perdem o sentido de predição. Obviamente que o *software* pode e é usado para análises *a posteriori*, mas esse não é o seu grande valor.

Um exemplo de uso dos algoritmos de análise da Recorded Future: no dia 21 de março de 2010, Shimon Peres, presidente de Israel, levantou acusações de que o grupo Hezbollah detinha mísseis de longo alcance, do tipo Scud, em seu arsenal. A análise pregressa feita pela Recorded Future

dos discursos do líder do grupo Hassan Nasrallah disponível em páginas da *web* e o cruzamento destes com uma série de eventos anteriores fez com que a empresa encontrasse evidências que corroboravam com as alegações de Peres um mês antes das mesmas terem sido levantadas pelo presidente israelense.

Este é um exemplo de diversos casos reais de que a empresa devota à inteligência de análise de informações. É certo que esta apenas recebeu contratos de terceiros ligados ao governo dos Estados Unidos, provavelmente de alguma agência de segurança, porque nenhum grupo de investimento de capital aportaria os recursos necessários para uma operação dessa monta sem uma garantia de contrato que resguardasse os investimentos em uma operação deste porte. Como os investimentos das agências de segurança estadunidenses são recobertos de sigilo, por razões óbvias, a simples existência de uma companhia como essa é forte indicativo de que ela já tem uma relação estabelecida com alguma agência de segurança do governo dos EUA.

A possibilidade acima descrita cria um paralelo com a ficção científica especulativa. O conto escrito em 1956 por Philip K. Dick e intitulado *The Minority Report* (ou “Pequenos Relatórios”, ou ainda “Relatórios de Minorias”, uma vez que a ambiguidade do título permitia mais de uma interpretação sobre o mesmo) projeta uma sociedade no ano de 2056 onde assassinatos e crimes são prevenidos através dos esforços de três cognitivos que podem ver o futuro em um curto espaço de tempo. Paradoxos e realidades alternativas são criadas pela premonição de crimes e são interpretados por um computador de inteligência sobre humana. Tal computador alerta a polícia da cidade, que de combativa passa a ser preventiva, e criminosos são condenados não mais pelos crimes que efetivamente cometeram, mas que poderiam vir a cometer.

A unidade de pré-crimes no conto é um sistema que pune as pessoas com penas de prisão por homicídios que teriam cometidos não fosse a interferência dos cognitivos. Este método substituiria o sistema tradicional de descobrir um assassinato e seu autor após o crime consumado para em seguida julgar e puni-lo. A sociedade do futuro imaginada por Philip K. Dick está livre dos crimes convencionais, mas também livre da ideia de liberdade.

Estranhamente, se substituirmos a ação dos três cognitivos do conto por uma imensa rede de máquinas capazes de interpretar a enorme massa de informações que a multidão despeja na Internet todos os dias

e com a ajuda de filtros de algoritmos e *softwares* de interpretação da linguagem humana, ficção poderia se converter em realidade em um futuro não tão distante como o imaginado por Dick. Empresas como a Google aglutinam colossais informações sobre cada campo de nossas vidas, uma vez que nos enredamos mais e mais, dia a dia, no diagrama da sociedade de controle.

É Deleuze, em seu *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle que aponta as diferenças entre um indivíduo, uno e coeso, efeito das tecnologias de poder nas sociedades disciplinares, aonde as disciplinas lançavam luz sobre os lugares antes sombrios da alma, e as fatias interessantes dessa antes individualidade, agora recortada para máximo aproveitamento pelo capital:

[...] nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas sim a cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se 'dividuais', divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou bancos. (Deleuze, 2000, p. 222).

O homem, agora usuário no agenciamento com a máquina, perde sua identidade e passa a ser um sinal de “entrada” em um dado sistema que, analisada por este, transforma-o de sujeito em uma “saída” que alimentará bancos de dados que servirão para recortar sua “individualidade” em “dividualidades” interessantes para o bom fluxo do capital, o que demonstra o caráter intercambiável das relações entre homens e máquinas.

São essas operações de busca de informações, e-mails, mapas e rastros digitais que geramos no nosso cotidiano, além das inúmeras participações às quais somos conclamados todos os dias, que servem de matéria-prima para análises de potenciais de risco. A participação, corolário da sociedade de controle, além de esvaziar a real participação política e funcionar como um placebo para o desejo e a resistência, é um imperativo recente: a sociedade de controle pede uma exaustiva participação e transparência. Nada deve ser deixado de fora.

Como diz Edson Passetti,

[...] a razão comunicativa, sabemos, pacífica e exige uma produção em que predomina a diplomacia. Esta produção é feita aos pedaços (bits) e exige participação de todos. De maneira direta por meio dos programas de produção; de maneira indireta por meio de uma democracia midiática acionada pelo principal meio de comunicação, a televisão. A participação estimulada, reforçada e imperativa faz crer e faz produzir um indivíduo que precisa mostrar que está vivo. Se não estiver segundo a produção – e nisto a sociedade de controle se diferencia da disciplinar –, está enquanto agente político de participação democrática. A democracia midiática se funda e fortalece pela participação de todos (vivos e mortos produtivos) direcionando a moral e a política por meio de sondagens, o que em pouco tempo transforma as eleições em rituais esvaziados. (Passetti, 2003, p. 44)

Mais além de esvaziar o desejo e o potencial de resistência, esta participação inócua do qual Passetti fala cria um efeito colateral duplo: se por um lado ela esvazia esse desejo, por outro ela alimenta os bancos de dados que criam os “divíduos” e que poderão ser usados em um futuro para o controle efetivo das resistências, antes mesmo delas aparecerem.

Operações de interpretação de um futuro próximo e conseqüentemente a prevenção de potenciais “crimes” contra o Estado, como pretende a Recorded Future, não são as únicas colocadas em prática na história recente dos EUA. Já está em prática em alguns aeroportos estadunidenses um sistema de triagem que tem por objetivo identificar os passageiros teoricamente mal-intencionados e que possam atentar contra a segurança dos “divíduos” daquele país.

O sistema, batizado de “Escaneamento de Futuro Atribuído”, (no original Future Attribute Screening Technology – FAST), foi projetado para o Departamento de Segurança Interna dos EUA com o intuito de detectar potenciais criminosos prestes a cometer atos terroristas. Como um detector de mentiras, o sistema FAST registra indicadores de uma variedade de índices fisiológicos, que passam desde a frequência cardíaca, a firmeza do olhar de uma pessoa, sua temperatura corporal e a abundância de seu suor, atributos utilizados para julgar o estado de espírito de um determinado sujeito.

A diferença desse sistema para um polígrafo é enorme: enquanto que com o polígrafo (vulgarmente chamado de detector de mentiras) o suspeito precisa de contato com o mesmo e sabe que seu comportamento

está sendo acompanhado de perto, o FAST depende de sensores que não mantêm qualquer contato com o “divíduo” que será objeto de escrutínio, podendo ser instalado em áreas comuns e corredores de locais públicos sem que os suspeitos saibam que estão sendo analisados.

Em testes de laboratório, FAST tem indicado índices de precisão de cerca de 70%, mas ainda não está claro se o sistema terá um desempenho melhor ou pior em testes de campo ou com o refinamento da tecnologia usada ou dos algoritmos de análise de seus *softwares*. No entanto, alguns cientistas questionam se realmente existem assinaturas únicas para intenções de causar dano por parte de um potencial criminoso, uma vez que o estresse natural de espaços como aeroportos poderiam fazer disparar índices nos potenciais suspeitos que fariam com que o sistema os interpretasse como potenciais criminosos: mesmo uma varredura da íris ou a coleta de impressão digital no momento da imigração de um viajante é suficiente para elevar a frequência cardíaca dos mais bem intencionados, e poderia levar à produção de uma grande proporção de falsos positivos, inviabilizando assim o sistema em um aeroporto movimentado.

Onde precisamente FAST está sendo testado é, por enquanto, um segredo muito bem guardado. Porém, não é difícil antever que, dada a escalada da tecnologia e do refinamento tanto dos dispositivos quanto dos *softwares* capazes de interpretar os sinais por ele colhidos, é apenas uma questão de tempo para que o programa seja colocado em prática. Sob a perspectiva do aparelho de Estado, passamos de divíduos a potenciais criminosos, ou terroristas, segundo a gramática do Estado. Todos podemos cometer um crime a qualquer momento. Somos todos culpados. Estarão as resistências condenadas se seu campo de captura não for mais no nível da ação, mas no plano do desejo?

Referências bibliográficas

DELEUZE, G. (2000). *Conversações*. São Paulo. Editora 34.

DELEUZE, G. e PARNET, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo, Escuta.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Ed. 34.

PASSETTI, E. (2003). *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez.

RIVERO, F. G. (2006). *Política e Resistências Protocolares*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SHACHTMAN, N. *Google, CIA Invest in 'Future' of Web Monitoring*. Disponível em: <http://www.wired.com/dangerroom/2010/07/exclusive-google-cia/#ixzz0vqZP7Ttt>. Acesso em: 12 jan 2012.